

# DEIXA EU CONTAR A MINHA HISTÓRIA?

**SANTOS, Fernanda Gabriela Soares dos.**

Trabalho sem nenhum tipo de financiamento.

Instituição: Fisma (Faculdade Integrada de Santa Maria)

[Santosfernanda68@yahoo.com.br](mailto:Santosfernanda68@yahoo.com.br)

## RESUMO

O trabalho a seguir é consequência da pesquisa desenvolvida a partir da dissertação de mestrado, defendida em 2010, na qual procurou-se investigar as trajetórias docentes de professoras negras. Hoje, dois anos depois, a pesquisa tem continuidade de forma mais sistemática, nas salas de aula, nos artigos escritos e ainda nas orientações de monografias de especialização nos cursos de Pós-Graduação na área de educação. Esse trabalho se justifica pela inexpressiva presença de professoras e professores negros nos cursos de licenciaturas, portanto, uma forma de provocar reflexão sobre esse acontecimento. A metodologia utilizada para a pesquisa foi a história de vida oral e escrita, de modo a contemplar a especificidade de algumas vozes. Como resultados foi possível redirecionar o olhar para as questões raciais, bem como refletir sobre a questão da mulher negra na cidade de Santa Maria.

Palavras-chave: Professoras; negras; história de vida.

## INTRODUÇÃO

“Bonifácio, teus direitos permanecem obscuros  
Enredados nos impuros caminhos do preconceito.”

Quantas professoras e professores negros conhecemos? Será que realmente são necessárias políticas afirmativas, até que ponto elas são realmente importantes e trazem contribuições para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa ou, ainda reforçam a imensa desigualdade racial que nosso país vive?

O que de fato nos garante igualdade de oportunidades? A suposta “cor” de professores e professoras interfere em seu modo de ser e/ou lecionar? Tais questões perpassam a pesquisa que, em certo momento, tornou-se o mote de trabalho da autora.

A memória também é afetada pelas questões étnicas e de gênero? Como saber?

## DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi realizada de 2008 a 2010, anos de realização do Mestrado em Educação na UFSM. Foram investigadas quatro professoras moradoras da cidade de Santa Maria que se dispuseram a contar a sua trajetória. Cada qual pertencente a uma geração, carregando consigo marcas do que viveram e de sua formação docente.

Suas histórias não são apenas individuais, perpassam a história coletiva do país. A professora mais madura, por exemplo, estudou no período mais difícil da ditadura militar brasileira, ao passo que a mais jovem está na universidade quando se começa a discutir a política de implantação de cotas raciais.

O tema não é simples, a complexidade de se investigar a vida dessas fortes mulheres deu impulso a dissertação. Suas histórias individuais carregavam não só a sutileza feminina como também marcas e dores deixadas pela herança de uma história de racismo. Nenhuma se sentiu isenta de racismo em algum momento de suas vidas.

As entrevistas marcaram alguns pontos de continuidade, a saber, em alguns aspectos as trajetórias das professoras estudadas coincidiam. A questão socioeconômica, por exemplo, apareceu nas três entrevistas como um forte marco de suas vidas.

Mostrando aquilo que o sociólogo Ianni (1988) alia a questão racial brasileira, a impossibilidade do povo negro, que após realizada a libertação dos escravos, teve de concorrer de forma igualitária ao povo branco, ou seja, apesar de alforriados, os negros não deixaram de ser um povo escravizado, quando precisaram, por exemplo, submeter-se a trabalhos subalternos para poder sobreviver.

O estudioso Munanga (2003) também aponta os dados do IBGE como demonstrativos do despreparo que a população negra brasileira possui em relação a branca, nas questões educacionais, de trabalho, etc. Como, portanto, concorrer de forma igual se cada um vive diferente, por exemplo? Para o referido estudioso, os dados do IBGE tornam a desigualdade racial brasileira ainda mais gritante.

As colaboradoras mais maduras apontaram ainda o apoio econômico que receberam das Caixas Escolares para seus estudos: embora uma delas se sentisse humilhada, uma vez que era convidada na frente de todo o resto da turma para retirar seu apoio financeiro, foi a partir da Caixa Escolar que conseguiu prosseguir seus estudos, mesmo depois da morte prematura de seu pai, que fazia questão que ela,

assim como os seus irmãos jamais deixasse de estudar. As duas colaboradoras ganhavam da Caixa lápis, cadernos e até mesmo sapatos e casacos, os quais auxiliavam seus estudos.

O imaginário da pobreza perpassa os seus relatos. Ser pobre e negra acabava, de certa maneira, colocando-as em uma posição muito inferior. Acabavam se destacando em um mundo em que o reinado é do branco.

A própria escolha do magistério, para a colaboradora mais madura, está diretamente relacionada à pobreza, uma vez que sair da escola com uma profissão permitia o ingresso no mercado de trabalho cedo. Portanto, esse foi um dos motivos da escolha da profissão, o outro foi que, em sua geração, as mulheres por excelência tornavam-se professoras, era raro estarem presentes em outras profissões, sobretudo as mulheres *de família*.

## **METODOLOGIA**

A escolha da metodologia de pesquisa não constitui tarefa simples, sobretudo quando se trata de uma pesquisa de mestrado, na qual feita tal escolha, dificilmente faz-se possível algum tipo de mudança.

A escolha por se estudar suas histórias de vida enquanto metodologia, permitiu o tangenciamento de suas memórias, por ora reveladas pelas colaboradoras, por ora revelada através de fotos, imagens, desenhos, canções, bilhetes e outros subterfúgios que elas escolheram a fim de contar a sua própria história.

Contar a própria história é, antes de tudo, permitir-se. Revelar caminhos até então obscuros para si e para os outros, ocultar e desvelar problemas, caminhar para o desconhecido. Ver e rever a si, passar a repensar o tempo, o vivido, com o distanciamento do tempo presente, olhando para um tempo que não pode ser trilhado novamente.

O caráter de verdade, aqui, não é importante. Verdade não é uma característica especial quando se estuda histórias de vida. O importante, necessariamente, é o foco que as colaboradoras estabelecem, olhar estabelecido por elas, o rumo que escolhem, a certeza do que realmente vale a pena contar e o que pode/deve ser deixado, por algum motivo de lado. A memória não é isenta de critérios.

Para Oliveira (2000), revisitar o passado possibilita ao professor um exercício individual de desconstrução de imagens instituídas socialmente em relação a docência. Em contrapartida, permite também a construção de um outro imaginário, passível de inúmeras outras significações.

Em um importante artigo, Bourdieu (1988) faz referência a não linearidade do biográfico. Em muitas ocasiões, buscamos no biográfico referências, linearidades, coerências que o biográfico não abarca. Não há uma linha segura, pois cada vida é uma história e cada história está recheada de individual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como principal resultado do trabalho, podemos pensar a própria dissertação de mestrado. Um trabalho que nasceu despretensiosamente na monografia de Especialização e que tomou forma e força a ponto de se transformar em uma dissertação.

Trouxe mudanças e inquietações para a pesquisadora e, sobretudo, para as colaboradoras, que até então não haviam participado de uma pesquisa e que motivou duas delas, inclusive a fazerem seleção para o mestrado. Segundo as colaboradoras, o trabalho produziu reflexão única para as suas atividades docentes, proporcionando um olhar atento tanto para o exercício do magistério como para o próprio significado de ser mulher negra, em uma sociedade que valoriza o branco.

Podemos também colocar como resultado a singularidade do tema, pois não temos muitos trabalhos no contexto das faculdades e universidades de Santa Maria, sobre a referida temática. A proposição é que o trabalho sirva, em primeira instância, como contribuição para as pesquisas na área que vierem posteriormente.

Uma pretensão é que a pesquisa abra caminhos para outras na área, para outros pesquisadores desbravarem esse campo desconhecido e novo, a participação cada vez mais ampliada da mulher negra nos mais distintos espaços possíveis.

## CONCLUSÕES

“Valeu Zumbi, o Negro forte dos Palmares.”

A dialética de qualquer trabalho de pesquisa é torna-lo inconcluso pela própria natureza de pesquisa. O diálogo, as suposições, possíveis resultados sempre fazem alusão a um pesquisador, a uma pesquisa e ao próprio momento histórico cultural.

A pesquisa, por si, merece continuação, como todo projeto. A inquietação despertada por ela somente será satisfeita nos próximos trabalhos. Hoje, o direcionamento teria sido outro. O olhar também.

A principal conclusão é a ideia de continuidade. Não se termina uma pesquisa, semeia-se para que, as próximas nasçam mais maduras, provoquem outras atitudes, repensem o instituído.

O grande marco é repensar. Acreditar e lutar por uma sociedade mais justa, humana, feminina e menos branca. Essa é a luta. Por isso, a História é puro movimento.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.DE M; AMADO,J. (Org). **Usos e abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1998, p.183-192.

IANNI, O. **Escravidão e racismo**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

MUNANGA, K. Políticas de ações afirmativas em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, P. B.G.e; SILVÉRIO, V. R. **Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: INEP,2003. P.115-130.

OLIVEIRA, V. M. F.de . A formação revisita os repertórios guardados na memória. In: OLIVEIRA, V. M. F.de (Org). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000, p. 11-24.